

## DA INTENCIONALIDADE À MORALIDADE: FENOMENOLOGIA DO AGIR RESPONSÁVEL EM SARTRE

Kátia Marian Corrêa\*

**Resumo:** O presente artigo visa explicitar a influência fenomenológica de Edmund Husserl com a concepção de intencionalidade na filosofia de Jean-Paul Sartre, em que “*a consciência é sempre consciência de algo*”, isto quer dizer que a consciência do sujeito se relaciona com as coisas e o mundo, chamado na Quarta Meditação Cartesiana de Ego, o que pensa, valora, reflete e que se responsabiliza por suas escolhas, sendo importante pois faz a passagem do sujeito pensante (com o conceito fenomenológico da intencionalidade) para a moralidade que terá muita relevância na filosofia sartreana a fim de desenvolver o aspecto ético e moral.

**Palavras-Chave:** Intencionalidade; Moralidade; Fenomenologia; Agir; Responsável.

## DE L'INTENTIONNALITÉ À LA MORALITÉ: PHÉNOMÉNOLOGIE D'AGIR RESPONSABLE CHEZ SARTRE

**Résumé:** Cet article vise à expliquer l'influence phénoménologique d'Edmund Husserl avec le concept d'intentionnalité dans la philosophie de Jean-Paul Sartre, dans laquelle «la conscience est toujours la conscience de quelque chose», cela signifie que la conscience du sujet est liée aux choses et le monde, appelé dans la quatrième méditation cartésienne de l'ego, ce qui pense, valorise, reflète et assume la responsabilité de ses choix, étant important parce qu'il fait la transition du sujet pensant (avec le concept phénoménologique de l'intentionnalité) à la morale qui aura une grande pertinence dans la philosophie sartrienne pour développer l'aspect éthique et moral.

**Mots-Clés:** Intentionnalité; Moralité; Phénoménologie; Agir; Responsable.

### Introdução

O objetivo do presente artigo é retomar a quarta Meditação Cartesiana de Husserl, em que é explicitado o Ego enquanto responsável. E esse se constitui por meio de suas vivências e na concretização de seus atos, mas isso deve estar perpassado essencialmente pela intencionalidade, uma vez que a “*a consciência é sempre consciência de algo*”. É por meio dessa instância fenomenológica que o ego visa, pensa, valora, decide, assume suas responsabilidades. Partindo desse pano de fundo husserliano, vamos considerar as contribuições posteriores da ontologia fenomenológica

---

\* Graduada em Filosofia – Licenciatura Plena e Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria – RS, Linha Fenomenologia e Compreensão. E-mail: katiamarianc@gmail.com.

que remonta a Heidegger, sobretudo aquela que nos vem de Sartre. Com Heidegger se explicitará o contexto da facticidade do ser-aí lançado no mundo. O Dasein se compreende ao longo de sua existência e se torna responsável pelas decisões que vier a tomar. Vale lembrar que esse desenvolvimento será muito significativo para enfatizar o Para-si na filosofia sartreana, ou seja, a subjetividade humana enquanto desamparada de leis ou formas abstratas e superiores, tendo de assumir o peso de sua total liberdade. Além disso, é preciso notar que Para-si não é responsável somente por seu projeto e suas ações, pois sua responsabilidade e engajamento alcançam também toda a humanidade.

É assim que Sartre terá como ponto de partida a questão fenomenológica da intencionalidade, trata-se de uma interpretação de um conceito husserliano, com a qual o filósofo francês enfrenta o que poderíamos chamar de perspectiva moral de seu pensamento, ou seja, a referência à responsabilidade de um sujeito agente no curso de sua existência. Ora, para Sartre o Para-si se encontra de antemão em um contexto social, histórico, político que primeiramente serão condições para a plena expressão da liberdade humana. Nesse sentido, o eu pode sempre decidir e responder por suas ações, numa palavra, pode responder por seu próprio ser, pois ele não será outra coisa senão as decisões que vier a tomar durante sua vida. Nesta perspectiva, o que se nota é que Sartre faz uma interpretação existencial da intencionalidade husserliana, uma vez que a compreende a partir da consciência humana que age no mundo, que realiza atos, criando, inventando e, sobretudo, recomeçando. Eis o sentido positivo da expressão aparentemente negativa segundo a qual “o Para-si é um nada”.

Mas há ainda mais a se dizer sobre a intencionalidade em sentido sartreano. É que a subjetividade humana, enquanto consciência no mundo, sempre se volta para algo sob a forma de fins ou projetos, e este movimento intencional lança o Para-si para o futuro. Por isso, antes de retirar a responsabilidade do sujeito, a liberdade a implica. Segundo Sartre, a responsabilidade é constante, perdura em todas as situações concretas no mundo. Eis por que é importante ressaltar que Sartre está em certa medida próximo do pensamento de Heidegger, sobretudo no que diz respeito à responsabilidade, ao ser que está lançado no mundo faticamente, que se encontra com os outros seres. Este trabalho versa sobre a problematização do ser-no-mundo como ser-para-os-outros. Não se trata do sujeito pensante da teoria do conhecimento, isto é, do eu que reflete e está

presente a si mesmo, mas sim de um eu que se encontra no mundo de forma desamparada. A questão se desdobra com maior intensidade para a ordem da prática, para a ação, o compromisso, a responsabilidade. A questão ética fundamental é esta: Como agir de forma a assumir o peso da própria liberdade e, além disso, a responsabilidade por todas as escolhas e consequências do que foi escolhido? Trata-se de mostrar porque as escolhas ligadas à liberdade não estão fechadas em um projeto solitário e egoísta, e sim num engajamento ou compromisso que nos liga a toda a humanidade.

Assim, com este trabalho explicitar-se-ão elementos da vida prática do Para-si tendo em vista os elementos que compõem a existência humana em toda a sua dramaticidade e angústia pelo peso de ser um ser-aí-no- mundo livre e responsável.

### **Ser-aí-no-mundo e ser-para-os-outros: Crítica a um sujeito transcendental**

No existencialismo de Sartre o ser-aí é condição primordial para a realização constante da realidade humana enquanto liberdade. Sabendo que isso significa encontrar-se lançado ao mundo, abstraindo-se de todas as leis superiores e metafísicas, assumir-se enquanto responsável perante suas escolhas e perante os outros. Há uma receptividade e passividade, digamos assim, em um primeiro momento do homem. Isto quer dizer, que as condições concretas que caracterizam minha inserção no mundo não são resultantes ou ações que escolho mediante a liberdade, ao contrário, o contexto social, político, religioso, que o Para-si surge fazem parte do que se chama por condição humana. No existencialismo sartreano, não se fala de natureza humana, visto que por condição humana se entende tão somente as possibilidades concretas que não são fechadas, no sentido de que determinarão o que farei, o que escolherei, e sim, são aceitas como um primeiro modo do sujeito. Porque podem ser posteriormente aceitas ou negadas, conforme Sartre:

Bem mais do que parece “fazer-se”, o homem parece “ser feito” pelo clima e a terra, a raça e a classe, a língua, a história da coletividade da qual participa, a hereditariedade, as circunstâncias individuais de sua infância, os hábitos adquiridos. Os grandes e pequenos acontecimentos de sua vida. (2011, p. 593).

Na realidade humana o grande valor que perpassa toda a existência é a liberdade do Para-si, que traz juntamente o peso pelas escolhas e pelas possíveis consequências das mesmas. Não se trata, portanto, de uma liberdade isolada em um projeto sozinho, e sim, um ter de prestar contas frente aos homens, que também são suscetíveis a atos livres e engajados. Com isso quer dizer: *“nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira.”* (1987, p. 7). É nas relações concretas entre os homens que a responsabilidade e atos valorosos, assim como éticos ou morais são possíveis, assumidos, pois, não existem imperativos ou leis morais fixas e formais para legislar a liberdade humana.

É o sujeito diante de mais nada que deve assumir sua responsabilidade que é grandiosa e implica um valor desafiante, ao simplesmente escolher atos a outros, não se está direcionando ou intencionado certos fins meramente aos seus interesses, ao contrário, há um comprometimento com as expressões do ser livre. É mediante as escolhas que o Para-si se escolhe e escolhe a imagem de homem que imagina ser a melhor possível. Dito de maneira mais enfática: *“De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ela deva ser.”* (1987, p. 6).

Há, pois, na filosofia existencialista um apontamento para implicações éticas, assim como o elemento do humanismo é muito forte nessa perspectiva. Pois, o homem é o detentor de grandes e significativas possibilidades de ações engajadas, por ser um sujeito que é criação, invenção e sempre suscetível de retorno ao seu projeto inicial, a saber, a liberdade absoluta. Dessa forma, se for possível falar de uma ética ou moral existencialista na filosofia de Sartre, a mesma deve ser considerada como em situação. Pois é o Para-si que cria suas leis, e as mesmas pretendem ser válidas também para a humanidade como um todo, mas não no sentido de uma doutrina ou regras que todos devem assumir em sua vida. O que ocorre é, antes, o seguinte: *“Os outros homens podem reconhecer que o poder que possuem está em suas “mãos”, porque são totalmente condenados à própria liberdade.”*

Em relação à ética ou moral, Sartre nos diz que essas são como a arte, são criações e invenções. O homem se constrói escolhendo sua moral. Ele cria as suas leis, mas é obrigado a criá-las sozinho, ou seja, sem um a priori, sem qualquer moral prévia, ou

ainda, é o homem que, ao final das contas, escolhe o que fazer e a partir do que se orientar. A esse respeito, salientamos que cada ser humano escolhe em presença dos outros e, ao fazer isso, escolhe-se a si mesmo perante aos outros. Mas, perguntamos: É possível julgar as ações humanas? A resposta é sim, se considerarmos o problema da má-fé. Pode-se, então, notar quando há uma fuga da responsabilidade, um esquivar-se da resposta que não tem amparo algum, numa palavra, quando houver mentira, um fugir de si mesmo. Age por má-fé todo aquele ser humano que está em contradição consigo mesmo, visto que diz que certos valores existem antes de si, ou dissimula sua liberdade de engajamento. Considerando o comprometimento, o engajamento e a liberdade que deve ser assumida: “Logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros.” (1987, p. 19).

Ora, quando o homem age, é preciso reconhecer que há sempre a intenção de se alcançar um fim, um resultado final, e para tanto é preciso estruturar os meios para alcançá-lo. Ao agir o homem se torna consciente do projeto que escolhe e, sendo assim, ele não é outra coisa que o seu projeto, as ações, as projeções que faz para o futuro. Eis por que, a despeito de buscar um fim e uma realização, o homem jamais poderá preencher o seu ser de modo pleno, ou total. Enquanto liberdade o homem é um *fazer-se* ao longo de sua existência, é o seu projeto. Toma-se assim a seguinte explicitação: “*O homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além de um conjunto de seus atos, nada mais que sua vida.*” (1987, p. 13). O ser humano é inacabado, então ele está relacionado ao *nada*. Em outros termos, uma vez que não possui um sentido metafísico que o define, a essência humana será constituída a partir das ações que o próprio existir desempenhar. O homem projeta o seu ser para as ações futuras, para os possíveis, e isso é uma pura manifestação de sua liberdade, melhor dizendo, isso o caracteriza como existente lançado no mundo. Com isso percebe-se que há decisões conscientes no interior do existente humano, ou seja, há um querer fazer, um querer criar, um querer realizar, e estes já pressupõem a escolha original, imprescindível para todo ato volitivo.

Nota-se que o ser-aí-no-mundo se encontra de maneira primeiramente como menciona Sartre em *O Ser e o Nada* como uma situação de estranheza, de certa desconfiança, pois se trata de um olhar sobre o Para-si que lança mão de julgamentos, de críticas, de questões que revelam algo que aponta para o próprio ser. Assim, temos: “*O inferno são os outros*” (SARTRE, 1970, p.75). Pergunta-se o porquê dessa afirmação dita por Sartre? Por que devo adotar um ser que não me pertence, mas pelo qual, no entanto, sou responsável? Encontrar o outro aí também lançado no mundo não é tarefa fácil, sobretudo se tivermos em mente que não se trata de um querer ou não o outro. Isso indica minha passividade, pois outrem é condição para que eu também me constitua como ser-no-mundo. É por meio da presença do outro que reflito sobre mim mesmo, sobre minha existência, sobre os atos e se eles são valores ou não, assim como se são necessários de correção moral. Pode-se, pois, dizer que, em Sartre, há uma extrema importância do choque entre o eu e o outro: “*O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo.*” (Sartre, 2011, p. 290). Indo além dessa afirmação, “*o outro não está presente somente como tal aparição concreta e empírica, mas como condição permanente de sua unidade e riqueza.*” (Sartre, 2011, p. 303). Ele possui uma importância em sua integridade, a sua liberdade, que faz dele um ser de ações e de projetos, deve ser preservada. Pois tanto a liberdade como o próprio homem devem ser valores mantidos. “*O outro está sempre aí como camada de significações constitutivas.*” Ele faz parte desse mundo em que o Para-si é lançado, ele “*cai com o mundo sob o impacto da redução fenomenológica, o outro aparece como necessário à própria constituição desse eu.*” (Sartre, 2011, p 303).

Tendo em vista o exposto, já é possível perceber que, na própria tentativa de realizar a redução fenomenológica, não posso esquecer que me encontro já desde sempre e de antemão em presença com os outros. Isso significa que o Para-si ou ser-aí-no-mundo é equivalente a ser-para-com-os-outros. Nessa linha de pensamento, a filosofia de Heidegger se encontra e se assemelha à filosofia de Sartre. Procurando investigar e voltar sua atenção (Heidegger) para o sentido do ser (*Dasein*).

Não se tratando de um estar isolado ou sozinho no mundo, na concepção heideggeriana o outro *Dasein* está relacionado e se encontra com o ser-aí, sendo ser-com (*Mitsein*).

Há no mundo o encontro entre o ser-aí e o outro, e esse último será o lugar comum entre os dois seres. O mundo é compartilhado entre o ser-aí e o outro do Dasein, sendo que o outro não meramente um outro, e sim um co-existente. Dessa maneira, o sujeito nunca é dado sem mundo, esse é o campo de inserção e constituição do ser na existência. Sendo sua condição para compreender enquanto homem, a realidade humana concreta e responsável, e assim não é solitário e sim com os outros, nas palavras de Heidegger: “o esclarecimento do ser-no-mundo, mostrou que, de início, um mero sujeito não ‘é’ e nunca é dado sem mundo. Da mesma maneira, também de início, não é dado um eu isolado sem outros.” (2005, p. 167). Esse encontro não se dá mediante a reflexão e o entendimento, ao contrário é de maneira prática e em sentido mais concreto. Há uma crítica com relação ao sujeito transcendental, é no próprio mundo que é possível compreender-se dizendo melhor, explicitando os outros seres. É uma questão de ordem prática e não teórica, Sartre de certa maneira se difere de Heidegger, no que diz respeito ao termo e abordagem do que seja o *Mitsein* (o ser-com), mesmo buscando no pensamento heideggeriano a terminologia a adotar. Trazendo essa questão nos escritos que Sartre fez em *O Ser e o nada*:

Só devemos notar aqui que nunca cogitamos pôr em dúvida a experiência do Nós. Limitamo-nos a mostrar que tal experiência não poderia ser o fundamento de nossa consciência do Outro. Está claro, com efeito, que ela não poderia constituir uma estrutura ontológica da realidade-humana. (Sartre, 2011,p.513).

No entanto há uma diferença de Heidegger, a filosofia de Sartre interpreta o *Mitsein* de modo acentuadamente ético. Por quê? Porque Sartre mostra que o sujeito que se encontra no mundo encontra sempre o outro de tal modo que o plural deve ser sempre considerado, trata-se, no fundo, de uma preocupação ética com um Nós. Mas aqui é preciso cuidado, a liberdade não elimina a solidão existencial do sujeito a partir de uma intersubjetividade que prioriza os encontros amistosos e construtivos entre os interlocutores. O fato é que Sartre tem dificuldades para apresentar um conceito positivo de intersubjetividade, diferentemente de Heidegger, é no encontro com o outro que a liberdade pode se tornar engajada, e que a responsabilidade pode por sua vez fazer-se prioridade nas manifestações do sujeito totalmente livre. Já no interior da filosofia de Heidegger, o *Mitsein* não precisa de avaliações éticas que venham a ele anteriormente, pois na perspectiva heideggeriana é em termos de uma ontologia existencial que tal encontro se dará, existe um formalismo e instrumentalismo nessas relações. O outro é

encontrado já constituído no mundo, isso significa que é um ente já dado, e, sendo assim, ele aparece como utensílio ou instrumento. Em Sartre encontrar outros seres-no-mundo, implica tomar consciência da condição primordial entendida como busca de se compreender a si mesmo, nota-se, então, a preocupação de cada Ser-aí com a busca de um compreender-se enquanto homem. É a partir do mundo e da possibilidade do encontro com o outro Dasein que se pode reconhecer o *Mitsein*.

#### O Eu responsável na quarta Meditação de Husserl

Na obra *Meditações Cartesianas* de Husserl, mais especificadamente, em sua quarta Meditação, o ego é considerado como inseparável de suas vivências, sendo uma instância concreta, um eu humano empírico, mas, em dimensão transcendental. É um polo irradiador que se observa a si mesmo enquanto ser agente que se constitui pela vivência e concretização de seus atos, possuindo a intencionalidade como peculiaridade essencial para desenvolver e realizar suas potencialidades. Lembrando que conforme Husserl, “*a consciência é sempre consciência de algo*”, com isso percebe-se que o eu é polo idêntico de seus atos intencionais, ao escolher, ao valorar, ao realizar o eu está visando certos fins e sempre voltado para algo.

Em cada ato do eu há novos sentidos que se objetivam, dessa forma diz Husserl: “*eu sou, de um modo permanente, o eu que se decidiu desta ou daquela maneira, eu tenho a convicção respectiva.*” (pg. 105). Pode-se entender mediante as palavras husserlianas, que eu sou as minhas decisões, as escolhas que fiz e posso lembrar e ativar, posso sempre voltar a essa convicção, a essas decisões que fiz e, sobretudo que sou. Por isto:

Eu decido-me – a vivência de ato deflui, mas a decisão persiste duradouramente na sua validade, quer passivamente mergulhe num sono pesado, quer viva em outros atos; correlativamente, eu sou, de agora em diante, aquele que está assim decidido, e sou-o enquanto não tiver abandonado a decisão. (p. 105).

Em qualquer situação que o eu se encontre de vigília ou em sono profundo, é aquele que decide, escolhe as vivências de seus atos e responde suas ações, podendo cancelar suas decisões, caso isso ocorra às vivências não serão preenchidas totalmente, “*o persistir, o durar temporal de tais determinações egoicas e o alterar-se que lhes é peculiar não significam nenhuma vivência ou continuidade de vivências*”.(p. 105). Diante dessas alterações do eu, esse apresenta um caráter pessoal ou identidade. É



mediante a experiência da evidência de que me encontro no mundo que tomo uma atitude natural, enquanto primeira grande crença que possuo. É na experiência originária que recebo os objetos e posso obter conhecimento dos mesmos, lembrando Husserl, tem-se: *“Eu sou para mim mesmo e estou-me dado constantemente, através da evidência de experiência, como eu próprio”* (p. 107).

Ao se falar na consciência e vale ressaltar a intencionalidade, há uma forma universal no fluxo, no movimento da consciência, um jorrar da vida interior da mesma, em que se constitui concretamente e isso quer dizer com todas as diversidades do campo inesgotável de sentidos e significações constitutivas que o mundo apresenta, enquanto um amplo horizonte que sempre revela, mostra, põe a luz, faz aparecer os fenômenos. O ego transcendental enquanto fático e possível de variações, que não se trata de um idealismo puro, e sim, que é vivente, presente no tempo e espaço, corresponde segundo Husserl a: *“Ao ego transcendental concreto corresponde, então, o eu-homem, a alma concretamente apreendida enquanto pura de si e para-si, com a polarização anímica: eu como polo das minhas habitualidades, das minhas propriedades de caráter.”* (p. 111).

O ego é concreto, é o homem que intenciona, que faz teoria, que é uma alma que tem posse sobre si mesmo, que tem espírito não em um sentido religioso ou metafísico, mas que é um sujeito dotado de psiquismo, tem poder sobre as intencionalidades e atividades que sua consciência se volta, pode mudar o curso de seu intencionar, escolher intuir dados valores a outros, ser responsável por suas vivências. Há inesgotáveis possibilidades eidéticas na vida do ego, se efetivando constitutivamente, visto que:

O a priori universal, que pertence a um ego transcendental enquanto tal, é uma forma de essência que encerra em si uma infinidade de formas, de tipos apriorísticos de possíveis atualidades e potencialidades da vida, juntamente com os objetos a constituir nela como sendo efetivamente. (p. 112).

Na gênese egológica e constituição do ego implicam leis de essência da compossibilidade, regras que envolvem a relação ser-um-com-outro-simultaneamente. Husserl mostra que esse ego obviamente se encontra com outros seres, que o são por analogia enquanto uma outra vida própria assim como o eu também é. A importância da presença dos outros- eu se dá na formação do mundo, na constituição dos objetos e dos sentidos do mesmo, há uma relação entre o eu e o outro-eu, que poderá fazer com que

haja compreensão sobre o espaço de vida comum no mundo objetivo, na realidade concreta. A respeito do outro, Husserl interpela:

Quando eu, o eu que medita, me reduzo pela *epoché* fenomenológica ao meu ego transcendental absoluto, não me torno por isso mesmo *solusipse* e não permaneço assim à medida que, sob o rótulo da fenomenologia, efetuo uma explicação de mim? [...] Mas o que acontecentão com os outros eus? (p. 104-105).

O eu transcendental encontra o outro, um outro ego, um outro eu, é necessário lembrar que em termos da fenomenologia de Husserl, o sentido do outro se dá por meio do sentido do eu, à esfera de pertença. Nas palavras de Husserl: *“tudo o que vale para mim vale também para todos os outros homens, que me estão à mão no meu mundo circundante. Experimentando-os como homens, compreendo-os e os aceito como ‘eu’, qual eu sou.”*(1965, p. 61). Para o ego, para o eu, há um mundo que já é dado de antemão e que lhe é concebido enquanto primeira grande crença. Que pode realizar suas infinitas possibilidades, buscas de sentido e doações de significação aos atos, coisas, objetos e aos *alter ego*, podendo se colocar em questão no sentido das ações que realiza, das tomadas de posição que toma, dos fins que visa dos valores que intenciona. O mundo que é já constituído, é a condição geral que limita as possibilidades, só é possível nesse espaço e tempo. Dessa maneira, as palavras husserlianas vão de encontro a isso: *“A consideração das essências se fixará num ego em geral com a limitação de que, para ele, há já um mundo constituído.”* Além do mais, será do desdobramento das possibilidades do mundo enquanto horizonte de significações constituídas, que o sujeito fará variações de si próprio de maneira livre de acordo, necessariamente ao mundo, que lhe aparece como condição necessária.

Partindo dessas considerações mencionadas, ao se falar em moralidade ou ética ou mais estritamente, a responsabilidade do eu agente de suas ações, é imprescindível retomar a intencionalidade proposta por Husserl, e também mostrando que há uma preocupação com a intersubjetividade transcendental, essa será uma comunidade de mônadas. Ou seja, de instâncias que são chamadas de ego, se apresentando com suas

peculiaridades específicas, mas que se relacionam entre si. Que estabelecem convívio entre suas esferas próprias (pertencças) e a esfera do outro, do estrangeiro, que remete a novas significações ao mundo, mas, que, no entanto, é importante para que haja uma sociabilidade entre essas duas esferas que não são isoladas, e sim imbricadas, que dialogam entre si e sobretudo que agem com responsabilidade uma para com a outra.

### **Da Intencionalidade à moralidade: Fenomenologia do agir responsável em Sartre. (considerações finais)**

Ao se voltar com atenção ao pensamento dos três grandes célebres filósofos: Husserl, Heidegger e Sartre, suas filosofias foram objetos de investigação para esse trabalho. Tem-se a conclusão, provisoriamente que, Sartre no que diz respeito à questão da responsabilidade, parece não se afastar do elemento da intencionalidade, sendo essa uma forte contribuição da herança fenomenológica de Husserl, o autor parece encaminhar seus escritos e discussões para esse viés, em que o Para-si intenciona e volta-se para fins, isso expressando todo o poder que possui enquanto ser livre. Além disso, que visa valores como, por exemplo: a própria liberdade, o homem em seu sentido de humanidade, o engajamento, a ação responsável. No entanto, Sartre parece avançar mais na explicitação da questão dos outros, da responsabilidade, pelo menos em termos mais objetivos do que Husserl.

Mas, vale constatar de que Husserl já em sua obra *Meditações Cartesianas*, aqui retoma-se a quarta Meditação Cartesiana, já refere-se mesmo que de maneira tímida para perspectivas que apontam e enfatizam a presença do eu com os outros, do eu enquanto polo ativo e idêntico as suas vivências e sobretudo do eu que decide e é sujeito agente responsável. Com isso, pode-se concluir, claro ainda podendo acrescentar e melhorar as significações, de que ambos os autores possuem pontos de semelhança apesar de suas filosofias terem questões diferenciadas, cada qual em sua peculiaridade.

Ao que se refere a Heidegger, Sartre também tem pontos de semelhança, por herdar contribuições do filósofo alemão importantes para compor sua filosofia. Mas, ao mesmo tempo o *Mitsein*, o ser-com se distancia em certa medida no pensamento dos dois autores, pois, em Sartre o eu que se encontra frente aos outros estabelece relações concretas e diretas, não de forma meramente instrumental ou formal. O que já se

percebe que em Heidegger, o *Mitsein*, o ser-com, estabelece relações formais, em que cada qual procura compreender-se enquanto ser-aí-no-mundo. Parece que em Sartre, a preocupação se volta para: Como ser responsável por minhas ações, por minhas escolhas sendo que as mesmas implicam um ligar-se comprometido com toda a humanidade? A ordem da discussão é mais existencial, porque, é: Como devo agir, o que será melhor levando em consideração a manifestação da liberdade como grande valor e desafio humano?

A partir disso e do que foi desenvolvido ao decorrer desse trabalho, pensa-se que Sartre então, parte da intencionalidade, consciência que visa algo, que é sempre intencional, ou seja, *“consciência é sempre consciência de algo”* e com isso faz um resgate e ainda se mantém fiel à Husserl, entretanto, coloca na liberdade humana o peso de toda a responsabilidade, de toda a criação seja artística, literária, filosófica ou teórica. Além disso, todos os valores assumidos são os homens que constroem, é o sentido de homem que é explorado incansavelmente, é o que faz direcionar a filosofia existencial desde o princípio de seu começo na aposta pelo humanismo. É, pois, o que abre a discussão para a perspectiva moral em Sartre.

### **Bibliografias:**

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo, parte I**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback, 15ed. São Paulo: Vozes- 2005.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris**.

MOURA, Carlos Eduardo de, **Consciência e liberdade em Sartre: por uma perspectiva ética**. São Carlos: UFSCAR, 2010.

MOURA, Carlos Eduardo de. **Consciência e liberdade em Sartre: por uma perspectiva ética**. São Carlos: EDUFSCar, 2012.

REYNOLDS, Jack, **Existencialismo**. Tradução Caeser Souza. Petrópolis: Vozes, 2013

RODRIGUES, Malcom Guimarães. **Consciência e má-fé no jovem Sartre: a trajetória dos conceitos**. São Paulo: ED. UNSEP, 2010.

SARTRE, Jean-Paul, **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdiggão, 20ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SARTRE, Jean-Paul, **O existencialismo é um humanismo**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores)

STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre “Ser e Tempo”**. Petrópolis: Vozes, 1988.